

Método e objeto: do caminho, pelos efeitos de interpretação, à justeza do rumo

Zélia Maria Viana Paim (UFSM)*

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre o objeto e os procedimentos metodológicos que constituem nossa tese intitulada **O movimento dos sentidos: de utopia à conversão**. Para dar conta desse objetivo, tratamos aqui do objeto ao resultado das análises, fragmentos recortados na materialidade linguística que as constituís.

Palavras-chave: método; objeto; movência; permanência

Falar do objeto de nossa pesquisa e do método para sua interpretação e descrição implica estar em um lugar entre a Análise de Discurso (AD) e a História das Ideias. Para a AD, a metodologia não está pronta; ao lançar mão dos elementos constitutivos do arcabouço teórico que balizam a análise, constituímos, concomitantemente, o dispositivo metodológico. Segundo Orlandi,

[...] não há análise de discurso sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que consistem, ambas, no processo de compreensão do analista (ORLANDI, 2005, p. 62).

O batimento entre descrição e interpretação se constitui a partir de regularidades discursivas evidenciadas na materialidade linguística. Assim, nos “armamos” de procedimentos teóricos da AD, que subsidiaram a análise, para contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos de interpretação. E diante das direções a nossa frente, o olhar foi definindo um caminho.

Em relação ao *corpus*, Orlandi (Ibid., p. 63) afirma que “a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas [pois] decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas”. Assim, conforme a autora, a “análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza” (Ibid., p. 64).

Para Catroga (2009, p. 110), também, “*método*¹ significa caminho, itinerário indissociável da operação que o dita e que, por isso, o cola ao problema e ao resultado da própria investigação”. De onde, para ele, os métodos “correctos serem aqueles que mais convincentemente conseguirem levar a bom porto a comprovação do que se

* Pesquisadora do Projeto Linguística no Sul: *Linguística no sul: estudo das ideias e organização da memória* (Laboratório Corpus/UFSM. Pós-doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, sob orientação da Prof.^a Dr. Amanda Eloina Scherer. Bolsista PNPd/Capes. E-mail: zeliampv@hotmail.com

¹ Grifos do autor.

pretende demonstrar” (Ibid., p. 116). Em outras palavras, “a sua escolha não pode ser uma exclusiva opção apriorística, nem ser comparada ao uso de uma mera ferramenta”. De acordo com esse autor, “a justeza do rumo escolhido só no fim do percurso poderá ser cabalmente avaliada” (Id.Ibid.).

Objeto é ponto de vista, desde Saussure (1971 [1916], p. 15). Começa como hipóteses, mas estas têm de estabelecer estratégias de prova que possam ser compartilhadas por outros sujeitos. Daí, outra consequência, a inexistência de uma separação radical entre método e objeto, pois o ponto de vista condiciona a pertinência, ou não, do caminho que deve ser percorrido.

Assim, podemos dizer que, a noção da AD que perpassa nosso estudo é a constituição do sujeito: *o outro que nos conta*. Para isso, tomamos as modalidades de identificação propostas por Pêcheux (1988 [1975], p. 213-222): a identificação, a contra-identificação e a desidentificação do sujeito com a formação discursiva na qual está inscrito, num determinado momento histórico-social, porque a identificação/interpelação do sujeito está ligada também à constituição do sentido.

Como procedimento de análise, pautamo-nos em Orlandi (2005, p. 77-78) quando a autora afirma que “paráfrase e metáfora são os suportes analíticos de base”. Em nosso caso, a metáfora, porque, é “constitutiva do processo de constituição mesma do sujeito” (Ibid., p. 79). Entendemos que o movimento que se dá na produção de sentidos, os deslizos, as derivas, é próprio das condições de produção em que estão imersos. Nesse sentido, metáfora é entendida também como um “fenômeno semântico de produção de sentidos” (Id.Ibid.) historicamente determinado.

E, como o objeto só pode ser apreendido por meio da análise de enunciados concretamente produzidos em um dado contexto sócio-histórico, buscamos relatos de viagem que se sucederam no tempo e no espaço. Assim, separamos os relatos em três partes: I) **A descoberta da terra** – Cristóvão Colombo, *Diário da 1ª Viagem*, escrito e publicado em 1493; Pero Vaz de Caminha, *Carta*, escrita em 1500, publicada em 1817; Américo Vespúcio, *As Quatro Navegações*, escrita entre 1501-1503, publicada em 1507; e *Mundus Novus*, escrita em 1502, publicada entre 1503-1504; II) **A penetração da terra** - Cabeza de Vaca, *Comentários*, escrito em 1541, publicado em 1555; e III) **A permanência na terra** – Antônio Sepp, *Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostolológicos*, que reúne os escritos, respectivamente, dos anos de 1691 a 1692, publicado, em 1698, e de 1693 a 1701, publicado em 1710.

A partir disso, nosso tema se constituiu como uma questão: *Como o movimento dos sentidos se constituiu no discurso do descobridor, do colonizador e do missioneiro sobre a terra descoberta e seus habitantes?* Para respondê-la, partimos da seguinte hipótese: *Os discursos se constituem de acordo com a abordagem do espaço pelo sujeito do discurso.*

De acordo com De Certeau (1994, p. 201-202) “o lugar é um espaço praticado”. O espaço é passível de transformações, de afastamentos e de aproximações, enfim, de deslocamentos, porque “diversamente do lugar, [o espaço] não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um próprio” (Id.Ibid.). O lugar é uma configuração instantânea de posições marcada pela estabilidade. Desse lugar próprio o sujeito constitui o seu discurso.

Novas questões foram propostas: *O sujeito do discurso da descoberta constituiu o “discurso da movência”? O sujeito do discurso da colonização e da “missionação” constituíram o “discurso da permanência”?* O discurso da descoberta se constituiu no relato do

descobridor que viajou sem se fixar em lugar algum. O sujeito movia-se, em busca do que já existia, a utopia. O discurso da colonização se constituiu no relato do explorador que se constituiu colonizador ao penetrar a terra descoberta. O discurso da “missão” se constituiu no relato de conversão do indígena e no relato sobre a redução jesuítica. Assim, outra questão foi proposta: *A constituição da redução de São João Batista e o relato desse experimento no discurso do missionário Sepp emergem as marcas da utopia?*

A *utopia* foi concebida como uma das formas possíveis de manifestação de inquietudes, de esperanças e de procura de uma época e de um meio social. Para Trousson (1979, p. 19), a característica “mais evidente e mais comum da cidade ideal é sem dúvida o *insularismo*”². Para ele, “o espaço fechado é a imagem da perfeição realizada [...] a cidade utópica dobra-se sobre si mesma, sem contato com o exterior para evitar a corrupção” (Id.Ibid.). Conforme pontua Chauí (2008, p. 9), “o absolutamente outro é perfeito”. Assim, ao afirmar a perfeição do que é o outro, ocorre uma ruptura com a totalidade da sociedade existente (outra organização, outras instituições, outras relações, outro cotidiano). Nas palavras de Bacsko (2001, p. 30), “não existe utopia sem uma representação totalizante e disruptiva da alteridade social”. Assim, a utopia se constitui como ruptura radical com a sociedade existente.

Para procedermos à análise, fizemos recortes, marcados na materialidade linguística, como SDD – Sequência Discursiva do Descobridor (36 recortes); SDC – Sequência Discursiva do Colonizador (13 recortes); SDM – Sequência Discursiva do Missionário (21 recortes).

A análise apresentada compõe-se de partes que se relacionam na medida em que inventariam sentidos constitutivos do sujeito do discurso e pelo sujeito do discurso: o espaço, o outro e a língua. A esse discurso foi dado um tratamento que se constituiu no batimento entre discurso e história. A seguir, fragmentos da análise do discurso da descoberta à colonização, desde o modo de tomar posse do espaço, passando pelo modo de tomar posse do outro e da língua do outro:

Na SDD, o *espaço* foi constituído com sentidos do utópico que perpassa tanto o inventar como o descobrir e funda os sentidos para a terra descoberta como espaço cristão, propriedade da coroa portuguesa. O *outro* foi, então, constituído de acordo com as exigências do discurso mercantilista e do discurso religioso. Sujeito pré-ideológico, condição de possibilidade de assujeitamento pela ideologia mercantilista-capitalista religiosa. A *língua* outra permaneceu intocada por esse *sujeito* que se insere no início do Renascimento, sendo social e historicamente determinado, construído como sujeito religioso e passando a sujeito de direito, segundo Pêcheux (1988 ([1975], p. 182). O sujeito desse discurso constitui o discurso pelos efeitos de “movência”.

Na SDC, o *espaço* novamente descoberto sob domínio da coroa espanhola potencializa outros sentidos, como a tomada de posse por outros conquistadores e, mesmo, retomada pelos portugueses. O *outro* foi constituído como sujeito falante da *língua franca* – guarani – e como canibal. Sujeito coletivo, massa homogênea. Esse discurso funda os efeitos de sentido do guarani no projeto colonial, como “força” de trabalho, ponta de lança e afeito às batalhas. A partir da constituição do outro foi constituído o *sujeito governante populista*, fundando o discurso que idealiza a relação

² Grifos do autor.

governador e governado, pautado pela “hospitalidade” guarani, acrescida das condições de produção – o messianismo guarani, a urbanização e a formação do Estado de classes. Na construção do sujeito conquistador e dominador, o sujeito do discurso constitui o discurso pelos efeitos de “movência” e de “permanência”.

Na SDM, as marcas que constituem o discurso utópico constituem também o discurso da conversão. Esse discurso entendido como fundador surge da ruptura que resulta do trabalho discursivo sobre o discurso da utopia. A “missãoação” transforma mais uma vez o *espaço*, delimitando-o. Os limites definem o insularismo, cujas fronteiras guardam do informe, e do caos circundante – a floresta, as encomendas, a escravidão – a questão dos limites estava atrelada à constituição da alteridade. O *outro* foi constituído como passível de conversão, transformação em termos de urbanidade, civilização, o fazer do sujeito missioneiro. O saber sobre a *língua* guarani também era uma exigência desse fazer. Gramatizar a língua era apreender a cosmologia indígena e, assim, melhor traçar os caminhos para uma conversão dos sentidos indígenas em cristãos. Consideramos como discurso da “permanência”, porque repetitivo, ritmado e circunscrito aos limites da redução jesuítica.

Retomando as modalidades de identificação, podemos dizer que do *mesmo* ao *outro* e ao *novor*, os sentidos se movem e permanecem. Os discursos da movência e o discurso da permanência, portanto, não se excluem, e sim constituem-se como potencialidade de se tornar outro. Disso decorre que o sujeito constitui o seu discurso, conforme abarca o espaço. Assim, em **Movimento de sentidos: de utopia à conversão**, os sujeitos do discurso da descoberta à missãoação engendram o discurso fundador da brasilidade.

Referências

- BACZKO, B. **Lumières de l'utopie**. Paris: Payot & Rivages, 2001.
- CATROGA, F. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história**. Coimbra: Amedina, 2009.
- CHAUÍ, M. Notas sobre Utopia. São Paulo. **Ciência e cultura**. São Paulo, SBPC, v. 60, n. 1 - especial, jul.2008, p. 7-12.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Traduzido por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PAIM, Zélia Maria Viana. **O movimento dos sentidos: da utopia à conversão**. 245f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS: UFSM, 2009.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à formação do óbvio**. Traduzido por Eni P. Orlandi [et.al.]. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988 [1975].
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1971 [1916].
- TROUSSON, R. **Voyages aux Pays de Nulle Part**. Histoire Littéraire de la Pensée Utopique. Bruxelles: L'Université de Bruxelles, 1979.